

# Carta Forense

C R Ô N I C A S F O R E N S E S

## O conselho, o discurso e o livro



Acervo CF

**Roberto Delmanto**

Meu avô materno, Mário Rodrigues Torres, era estudante de direito no Rio de Janeiro quando, em férias, na companhia de um amigo, esteve em Botucatu, no interior paulista. Apaixonou-

se pela moça mais bonita da cidade e, formado, para lá voltou, com ela se casou e dali nunca mais saiu.

Tornou-se advogado e político importante no município, tendo sido prefeito durante a Revolução de 30. Sem perder o espírito carioca, bonachão e tranqüilo, tinha um profundo amor pela liberdade, tanto política quanto individual.

Certa vez, estava em seu escritório, com o pé sobre uma mesinha, amarrando o sapato, quando um antigo cliente, esbaforido, ali entrou de inopino.

Travou-se, então, o seguinte e rápido diálogo:

O cliente: "Dr. Mário, acabei de atirar numa pessoa!"

Dr. Mário (continuando a amarrar o sapato): "Alguém viu?"

O cliente: "Várias pessoas!"

Dr. Mário (sem levantar a cabeça, ainda amarrando o sapato): "Então foge do flagrante, e depois me procura..."

Logo após o golpe militar de 64, que extinguiu os partidos políticos então existentes, criando apenas dois novos - Arena e MDB -, a maioria dos parentes e amigos de meu avô filiou-se ao primeiro, que apoiava a nova ordem.

Os netos de Mário, contrários ao golpe como a maioria dos jovens, mostravam-se inconformados.

Algum tempo depois, a rádio local anunciou a realização de um comício em protesto contra o golpe militar.

Na hora aprazada, proibidos pelos pais de comparecerem, mas com os ouvidos grudados no aparelho de rádio, os netos escutaram, com surpresa, o locutor anunciar o primeiro orador da noite: "Com a palavra, o ex-prefeito e advogado Mário Torres, do MDB!"

E, em seguida, ouviram a voz sonora e inconfundível do avô: "Povo de Botucatu"...

Os netos foram todos ao êxtase e, em seu idealismo, se sentiram confortados...

Já com idade avançada, Mário continuava a ir diariamente ao escritório. Mas os clientes, como costuma acontecer, diminuam, aparecendo apenas um ou outro de vez em quando. Na sua companhia, como secretário, ficava o neto Izalco Sardenberg, hoje conceituado jornalista.

Certo dia, tendo comparecido ao escritório um cliente novo, Izalco entrou apressado na sala do avô para dar-lhe a boa notícia. Encontrou Mário tirando um bom cochilo.

Acordando-o, Izalco perguntou-lhe se podia fazer o cliente entrar.

Foi, aí, que Mário pediu-lhe que, antes, pegasse um livro na estante. Izalco perguntou-lhe qual e ele respondeu: "qualquer um".

Ao recebê-lo das mãos do neto, abriu-o e, fazendo de conta que o lia atentamente, lhe disse: "agora, pode fazer o cliente entrar..."

### Roberto Delmanto

Advogado Criminalista. Co-autor do Código Penal Comentado e das Leis Penais Especiais Comentadas, e autor dos livros Causos Criminais e Momentos de Paraíso (memórias de um criminalista), todos pela Editora Renovar.